

O pão celeste, que vem do Pai, é precisamente o Filho feito carne para nós. Este alimento é mais do que necessário para nós, porque sacia a fome de esperança, a fome de verdade, a fome de salvação que todos nós sentimos não no estômago, mas no coração. A Eucaristia é necessária, para todos.

Papa Francisco, *Angelus geral*, 18 de agosto de 2024



Boletim de Espiritualidade

1 SETEMBRO 2024
Ano XI Nº 123



Agenda setembro 2024

- 1 a 7 **Ribamar** (Casa do Oeste) – Campo de férias para crianças e adolescentes [📍](#)
- 2 **Fátima** (Santuário) – Recolecção – *Dr. André Melícias* [📍](#)
- 2 a 7 **Ávila** (CITeS) – II Congresso Internacional Santa Teresa de Lisieux [📍](#)
- 6 a 8 **Fátima** (Domus Carmeli) – Encontro de discernimento vocacional Rumos [📍](#)
- 8 **Fátima** (Santuário) – Palestra: *A mim mesmo o fizeste (Mt 25,40): o imperativo da dignidade do outro* – *Cristina Inogés Sanz* [📍](#)
- 8 a 15 **Quito** (Equador) – 53.º Congresso Eucarístico Internacional [📍](#)
- 9 a 17 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [📍](#)
- 12 a 15 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [📍](#)
- 15 a 21 **Fátima** (Claretianos) – Retiro: “Vida Consagrada Sinodal: Caminhando juntos e com Deus” – P. Abílio Pina Ribeiro, CMF (Claretiano) [📍](#)
- 19 **Silves** (Piajet) – *Vale a pena rezar hoje? O que pode acrescentar a oração à minha vida?* – P. Mário Sousa [📍](#)
- 19 a 22 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [📍](#)
- 19 a 27 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [📍](#)
- 21 a 29 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [📍](#)
- 21 a 29 **Colares** (Santo Inácio) – Exercícios Espirituais [📍](#)
- 22 **Avessadas** – Domingo das bênçãos [📍](#)
- 26 a 29 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [📍](#)
- 26 a 29 **Colares** (Santo Inácio) – Exercícios Espirituais [📍](#)
- 27 a 29 **Braga** (Casa da Torre) – Psicologia positiva [📍](#)
- 28 **Viana do Castelo** (Carmo) – Jornada pastoral de espiritualidade: “A esperança em Teresa do Menino Jesus” – P. Agostinho Castro [📍](#)
- 28 e 29 **Porto** (Salesianos) – «E-vangelizar» [📍](#)
- 28 a 30 **Funchal** (Carmo) – Encontro sobre a Espiritualidade de Santa Teresinha [📍](#)
- 30 **Online** – *De véspera com Santa Teresinha* [📍](#)

Agenda outubro 2024

- 4 e 5 **Lisboa** – Celebração Ecuménica e encontro «Também Somos Terra!» [📍](#)
- 5 **Algarve** (Palmeiral: Casa de retiros S. Lourenço) – Jardinagem e Espiritualidade [📍](#)
- 5 **Avessadas** – Tardes com Maria [📍](#)
- 5 **Estoril** (Salesianos) – «E-vangelizar» [📍](#)
- 7 **Fátima** (Santuário) – Recolecção – *Alexandra Neves* [📍](#)
- 7 a 11 **Algarve** (S. Lourenço) – Retiro clero [📍](#)
- 12 a 14 **Funchal** (Carmo) – Encontro sobre “A Oração em Santa Teresa de Jesus: Como Orar?” [📍](#)
- 13 **Fátima** (Santuário) – *A contas com Fátima. Conversas para crescer na fé, na esperança e no amor* – I: P. Pedro Tavares e Ir.ª Sandra Bartolomeu [📍](#)
- 14 **Viana do Castelo** (Carmo) – Encontro Bíblico: “A Estrutura do Evangelho de S. Lucas” [📍](#)
- 14 **Online** – De véspera com... S. Teresa de Jesus (21h30) [📍](#)
- 14 a 18 **Fátima** (Santuário) – Retiro – *P. José Augusto Leitão, SVD* [📍](#)
- 17 **Silves** (Piajet) – *Entre o bem e o mal, a qual pertence?* – P. Flávio Martins [📍](#)
- 17 a 25 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [📍](#)
- 17 a 20 **Fátima** (Santuário) – Retiro de doentes [📍](#)
- 18 a 20 **Fátima** (Domus Carmeli) – XII Congresso de Espiritualidade: “Afetividade e Espiritualidade” [📍](#)
- 19 **Braga** (Carmo) – Encontro Junto à Fonte [📍](#)
- 20 a 26 **Fátima** (Claretianos) – Retiro: “Vida Consagrada Sinodal: Caminhando juntos e com Deus” – P. Abílio Pina Ribeiro, CMF (Claretiano) [📍](#)
- 24 a 27 **Fátima** (Santuário) – Retiro de doentes [📍](#)
- 25 **Algarve** (S. Lourenço) – Formação em liderança para empresários e gestores (ACEGE) [📍](#)
- 25 **Funchal** (Carmo) – Encontro de jovens [📍](#)
- 25 a 27 **Fátima** (Santuário) – Curso sobre a Mensagem de Fátima [📍](#)
- 26 **Fátima** (Santuário) – *A contas com Fátima. Conversas para crescer na fé, na esperança e no amor* – II: Miguel Cardoso e André Pereira [📍](#)
- 26 **Braga** (Casa da Torre) – A arte do encontro [📍](#)
- 27 **Avessadas** – Domingo das bênçãos [📍](#)
- 30a3nov **Algarve** (S. Lourenço) – Convívios Fraternos [📍](#)

PASTORAL DA ESPIRITUALIDADE

Carmelitas Descalços



Palavra da fé e palavra da razão

Armindo Vaz, OCD

Todos de acordo! Não se pensa a relação do ser humano com Deus de forma abstracta, prescindindo da situação concreta das pessoas, do seu tempo histórico, da sua cultura e religiosidade e de outras circunstâncias. A palavra da fé é sempre cultural. É o que também se observa na Bíblia. Numa fase germinal da captação de Deus e à procura da sua imagem mais perfeita, quando, lá pelo séc. XI a.C., alguns crentes de Israel pensavam piamente que Deus conduzia favoravelmente a história do povo, outros israelitas, perante a invasão opressiva e destruidora por parte de um povo vizinho, interrogavam-se dramaticamente: “Se Deus está connosco, por que nos acontece tudo isto? Onde estão todos esses prodígios que nos contam os nossos pais ao dizer-nos que o Senhor nos tirou do Egipto? É que agora o Senhor abandonou-nos, entregou-nos nas mãos dos madianitas!” (Jz 6,13). Esta lamentação interrogativa que lançava raízes no saibro da amargura punha a fé em sentido e a dar sentido transcendente aos acontecimentos. Diferia de uma doutrina filosófica, teórica, que racionalmente pensa ser impossível que não exista Deus. A fé bíblica em Deus dialoga com a razão como urgência interior, expressão e caminho de racionalidade: provoca e estimula a razão e a razão dá suporte à fé. A fé compreende as razões da razão na procura da verdade, mas supera a mera ideia de que a razão deve vencer: quem deve vencer é a realidade nua e a *razão escondida* (chamada *hypónoia* por Platão), que é mais do que aquilo que a simples razão alcança. De facto, para o homem bíblico, se não havia verdadeira fé sem razão, também não havia razão sem fé. E, porque a urdidura que em épocas sucessivas entretecia a razão com a fé era de seda frágil, constantemente a fé interrogava a razão: «Até quando, Senhor, estarás irritado? Para sempre?... Por que não de perguntar os povos: “Onde está o seu Deus?” Que nós vejamos reconhecido entre os povos que foi vingado o sangue derramado dos teus servos... Até quando, ó Deus, o inimigo nos vai ultrajar? Poderá o adversário desprezar o teu nome para sempre?... Ergue-te, ó Deus, defende a tua causa e lembra-te das ofensas que todo o dia te fazem os insensatos» (Sl 79,5.10 e Sl 74,10.22).

Recentemente, porém, gente bem pensante dispensa ou a razão ou o gosto pela elevação espiritual. As núpcias bíblicamente celebradas entre uma e a outra evoluíram para a separação ou para o divórcio. Mas a fé sem a palavra da razão pode ser facilmente pensada como uma espécie de cárcere. Compreende-se, pois, que, a fé rija seja adversa aos devaneios da credence. É-o sobretudo porque não está disposta a atirar para o cesto dos papéis o Livro dos livros e, com ele, a consciência fulgurante da *brevidade* da vida humana, por um lado, e da *eternidade* do sentido dela, por outro: «O homem é como um sopro: os seus dias são como a sombra que passa» (Sl 144,4). «Respondeu Jesus: Eu sou o pão da vida... Quem come este pão viverá para sempre» (Jo 6,49-58). A fé bíblica, na sua afinação final, não deixa o crente a reconciliar-se com a realidade da morte. Aponta-lhe a vida. Faz-lhe compreender a sua relação com o tempo e a necessária indignação causada pela morte física que traz dentro de si. Sente que a superação das



Visão de Deus na glória, pelo profeta Ezequiel: Rafael, 1518
Galeria Palatina – Florença

limitações humanas está no mistério da Encarnação do Filho de Deus no *homem* Jesus de Nazaré, cuja narração e gramática cristalizou precisamente na Escritura. Quando a fé descobre a consistência do seu conteúdo, convida a razão a lê-la de joelhos, a ler a vida através dos olhos de Jesus, de Paulo e de outros que a vêem iluminada pelo fogo de uma energia irreduzível. A força que habita o ser das personagens bíblicas electriza os que as escutam: «Jamais homem algum falou assim como este homem fala» (Jo 7,46). No espírito da Escritura corre “o sangue dos espíritos superiores”, onde fala o Espírito da verdade. A pura energia da existência perpassa os evangelhos. E o sentido de humanidade é a sua medida.

Porque na Bíblia a fé se casa bem com a razão, no seu conjunto – os salmos são exímios nisso – grita a urgência de pôr cobro à infâmia da desumanização das comunidades humanas, da violência gratuita ou paga, das guerras trituradoras de vidas. O exercício, feito no Antigo Testamento entre alguma violência e a correcção dela, feito de aprendizagem para a boa convivência e para a paz entre as pessoas, culminou no Novo Testamento na mensagem e na acção salvadora de Jesus, que, de forma mais densa e definitiva, pela epifania do amor divino na cruz, mostrou que só o Amor pode salvar a humanidade. Na cruz ensanguentada pelo Filho, Deus rejeitou toda a espécie de violência e mostrou estar do lado das vítimas deste mundo. Nesse ponto final, a fé bíblica é uma acusação viva à barbárie. Mobiliza a esperança e o génio humanos. E é mais da ordem do existencial, com abertura ao sentido da vida, que vem de cima, do que da ordem do intelectual, que gostaria de demonstrar o que não é demonstrável só com a razão. De qualquer forma, não renuncia à compreensão. Empenha a vida com requinte, procurando crer para compreender: «Senhor, por que nos acontece tudo isto?»

«Escuta, Israel!»

Seleção de textos bíblicos por Armindo Vaz, OCD



Artemisia Gentileschi, *Ester diante de Assuero* (c. 1629) | Museu Metropolitano de Arte – Nova Iorque

Do livro de Ester

9 ¹No dia... em que entravam em vigor a ordem e o decreto do rei, dia em que os inimigos dos judeus contavam dominar sobre eles, aconteceu o contrário e foram os judeus a dominar os que os odiavam. ²Os judeus reuniram-se em assembleia nas suas cidades, em todas as províncias do rei Assuero, para estender a mão contra aqueles que procuravam o seu mal. Nem sequer um homem conseguiu resistir-lhes, porque o medo deles caiu sobre todos os povos. ³Todos os príncipes das províncias, os sátrapas, os governadores e os funcionários do rei ajudaram os judeus, porque o terror de Mardoqueu caíra sobre eles. ⁴De facto, Mardoqueu tornara-se importante no palácio real. A sua fama espalhava-se em todas as províncias e ele era cada vez mais poderoso...

¹¹O número de mortos em Susa, capital, chegou ao conhecimento do rei ¹²e o rei disse à rainha Ester: «Em Susa, capital, os judeus mataram e aniquilaram quinhentos homens, juntamente com os dez filhos de Haman. Que terão feito no resto das províncias do reino! Mas qualquer outro pedido teu ser-te-á concedido e qualquer outro desejo teu será realizado»...

¹⁶O resto dos judeus que viviam nas províncias do rei reuniram-se em assembleia, defenderam as suas vidas, fazendo descanso relativamente aos seus inimigos. Mataram setenta e cinco mil dos que os odiavam, mas não estenderam as suas mãos ao espólio...

¹⁸Os judeus que viviam em Susa reuniram-se no dia treze e no dia catorze do mês. No dia quinze descansaram e fizeram dele um dia de banquete e de alegria. ¹⁹Por isso,

os judeus que vivem fora da cidade em localidades não fortificadas celebram o dia catorze do mês de Adar como um dia de alegria, de banquete, de festejos e de cada um enviar ofertas ao seu amigo.

²⁰Mardoqueu escreveu estas palavras e enviou cartas a todos os judeus que viviam nas províncias do rei Assuero, aos de perto e aos de longe, ²¹estabelecendo que o dia catorze e o dia quinze do mês de Adar fossem para eles, ano após ano, ²²considerados como os dias em que os judeus descansaram dos seus inimigos e o mês em que a sua angústia foi transformada em alegria e o seu luto em dia de felicidade; e que fizessem desses dias dia de banquete, de alegria e de cada um enviar presentes ao seu amigo e ofertas aos pobres...

²⁶Eles chamam a estes dias dias de *Purim*, da palavra *Pur*. Por causa das palavras desta carta, do que viram e do que lhes aconteceu, ²⁷os judeus estabeleceram, para eles e para a sua descendência e para quantos se viessem a juntar a eles, que não deixariam passar nenhum ano sem celebrar estes dois dias no tempo determinado... ²⁸Estes dias são recordados e celebrados, de geração em geração, em cada família, em cada província, em cada cidade, e estes dias de *Purim* não desaparecerão jamais de entre os judeus e a sua memória não acabará entre os seus descendentes»...

³²A palavra de Ester confirmou as práticas relativas à festa de *Purim* e ficou escrita no livro.

10 ³O judeu Mardoqueu era a segunda pessoa depois do rei Assuero e era grande entre os judeus e amado por muitos dos seus irmãos. Procurou o bem do seu povo e trabalhou pela paz de toda a sua gente.

Rumos: encontro para jovens

Fátima, 6 a 8 de setembro de 2024



Para o ano pastoral de 2024/2025, a Ordem Carmelita tem agendados os seguintes encontros *Rumos*: 6 a 8 de setembro de 2024; 3 a 5 de janeiro, 11 a 13 de abril e 5 a 7 de setembro de 2025, na Domus Carmeli, em Fátima. Os encontros *Rumos* são destinados a jovens que pretendam discernir, clarificar ou confirmar a sua vocação, seja ela para a vida laical, matrimonial, sacerdotal ou consagrada. São orientados por dois casais, dois sacerdotes e dois consagrados que apresentarão um conjunto de reflexões e pistas de trabalho para que os jovens se possam questionar e descobrir o que é que Deus espera deles. Além destes encontros, depois, cada jovem pode escolher um casal dos carmelitas seculares, um padre ou uma irmã carmelita para serem acompanhados pessoalmente. [🔗](#)

XII Congresso de Espiritualidade

Fátima, 18 a 20 de outubro de 2024



Os institutos de inspiração carmelita e teresiana vão promover o 12.º Congresso de Espiritualidade dedicado ao tema " Afetividade e espiritualidade". A organização pretende com esta atividade ajudar a responder a questões como: «que lugar têm as emoções, os sentimentos, a afetividade na vida espiritual? Como geri-los e pô-los ao serviço do crescimento humano e espiritual? Que lugar têm os sentimentos nas nossas relações: na relação de uns com os outros e na relação com Deus? Como interagem oração e sentimentos? É possível que uma afetividade ferida ajude ao crescimento espiritual ou seja curada pela vida espiritual? Como amamos e exprimimos sentimentos, também quando rezamos, como mulheres e como homens?» Conheça mais detalhes do programa em carmelitas.pt. [🔗](#)

«E-vangelizar» dedicada à «esperança»

28 e 29 de setembro, no Porto, e a 5 de outubro, no Estoril



A Salesianos Editora e a Fundação Salesianos vão dinamizar a 14.ª edição do «E-vangelizar», um “megaevento” de formação pastoral. “Esta ação dirige-se a todos os agentes evangelizadores (animadores, catequistas, consagrados, professores, etc.) que querem melhorar as suas competências pastorais”, explica a organização. ‘Esta esperança não engana’ é o lema do ‘E-vangelizar’ 2024, inspirado na Bula de Proclamação do Grande Jubileu Ordinário do Ano 2025, do Papa Francisco. [🔗](#)

A ORAÇÃO DE JESUS

Juan López Vergara



Como preparação para o Jubileu do próximo ano, o papa Francisco proclamou 2024 o Ano da Oração. Para ajudar os fiéis a melhor responder ao repto do Santo Padre, o Dicastério para a Evangelização preparou um conjunto de textos que aprofundam as diversas dimensões do ato cristão de orar, escritos por autores de renome. A oração de Jesus é o terceiro título dessa série. Juan López Vergara revisita em vinte episódios a vida de Jesus, do batismo no Jordão à morte no Gólgota, imaginando, sempre arrimado nos relatos evangélicos, o que o Filho terá dito ao Pai em cada ocasião, apresentando fragmentos luminosos do diálogo contínuo entre os dois, um colóquio íntimo a que o/a leitor(a) é convidado/a a juntar-se.

Publicação: Paulinas editora [🔗](#)

cloustrO

Europa: desafios das mudanças sociais e políticas à luz da fé.

Helena Castro, Professora e Doutorada em Ciências da Educação, faz uma análise dos resultados das eleições europeias e deixa-nos duas ideias sobre a Direita que ganhou. Aceite o desafio para ler... [🔗](#)

Que pandemia é esta, a egodemia?.

Nuno Henriques, Formador de Metodologias de Investigação e Professor de EMRC, escreve sobre o ainda pós-pandemia para refletir sobre o egoísmo que parece pairar: «*Parece que depois da pandemia as pessoas tornaram-se mais egoístas! ... Também esta é, devo confessar, sendo adverso a pessimismos morais, a minha impressão.*» [🔗](#)

Crescer em Comunhão: A relevância dos grupos na nossa evolução pessoal.

Verónica Parente, educadora social, reflete sobre a genética que influencia a nossa vida e a sua vivência de estar em grupo, isto é, «*saber que se pode contar com o apoio e a compreensão de outras pessoas*» [🔗](#)



Três perguntas e... mais uma

«Não é por um esforço pessoal individual que se logra o que escrevi.»

1. Na primeira carta o Alexandre escreve o seguinte: «Diante de Deus nunca somos uns fracassados». É isso mesmo verdade?

Estou absolutamente convencido disso. Para um Deus que é amor só poderemos fracassar nesse amor. Mas que pai, olhando para o seu filho, não vê, neste e mesmo quando ele possa ter sido o maior criminoso, uma gota de amor nem que a esvaír-se para a secura? E será que um pai humano poderá ser mais bondoso, clemente e misericordioso na apreciação do que o Pai diante do qual todos os pais são como que um esboço?

2. Se «conhecer uma pessoa exige tempo», como conseguiu escrever estas cartas a um jovem (anónimo, digo eu)?

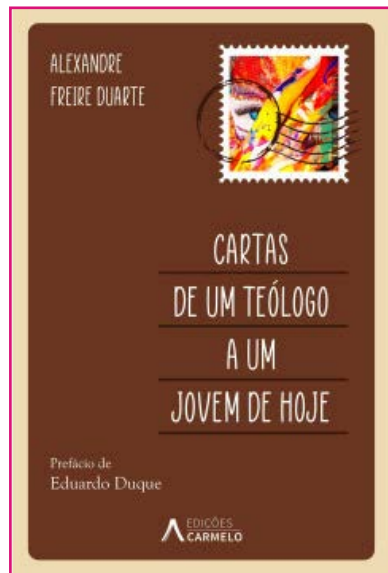
Foram vários anos a ler, no escuro do anonimato, o que os alunos me iam respondendo. Foram tantos ou mais anos (pois com alguns prolonguei verdadeiras relações de amizade) a trocar mensagens electrónicas e palavras telefónicas. A pessoa que é o imaginário interlocutor das cartas a que se refere é uma soma de tudo isso. Repare que eu disse "soma" (o que implica a manutenção das partes constituintes) e não "mistura" ou "amalgama". Tempo foi o que não faltou, até mo terem tirado, para conhecer tantos e tantas jovens.

3. Escreveu mesmo estas cartas aos jovens? Acha que eles têm tempo e motivação para lê-las?

Sem dúvida. Tudo o que nelas trato é o abordar de questões concretas que me foram colocadas e que eu respondi de uma forma mais ou mesmo próxima daquela que acabou por surgir no pequeno livro que, imerecidamente para mim, as Edições Carmelo aceitaram publicar. Dito isto, reconheço



Autor: Alexandre Freire Duarte
Prefaciador: Eduardo Duque



**CARTAS DE UM TEÓLOGO
A UM JOVEM DE HOJE**
(Edições Carmelo, 2022. PVP 10,00€)

«Tudo o que é "auto-" é de desconfiar na vida espiritual, pois tende a conduzir a falsos cristianismos e a cristianismos doentios.

que poderá haver pessoas que, trabalhando pastoralmente com os jovens, não possam não ter estado no meu subconsciente, pois foi como uma delas que eu contactei os jovens (como, por exemplo, o meu estimado companheiro frei André Morais) que a elas deram origem.

Posso garantir que múltiplos testemunhos me garantem que sim, os jovens leram-nas e deram-nas a ler a outros jovens. Não sei o motivo disso, mas aconteceu. Talvez por algum deles, sendo jovens universitários deslocados dos seus ambientes natais (perdendo o contacto com as suas comunidades antigas, e, ao mesmo tempo, não ganhando ligação a novas comunidades) procuraram no meu livrinho algo que respondesse aos violentos tremores de coração por que passam. Mas saliento o que disse: isto é apenas um «talvez».

e... 4. Em que é que este seu livro difere de um de auto-ajuda?

Desde logo porque de "auto-" não desejei, nem pude desejar, que tivesse fosse o que fosse. Tudo o que é "auto-" é de desconfiar na vida espiritual, pois tende a conduzir a falsos cristianismos e a cristianismos doentios. Na verdade, o protagonista de tudo o que refiro que pode ser dito a um jovem, ou, então, feito por um jovem, é sempre Deus. Não é por um esforço pessoal individual que se logra o que escrevi. É, isso sim, por uma colaboração entre o sempre preveniente amor do Deus-Amor e o jovem (com mais ou menos juventude acumulada) que pode, ou não, aquiescer a esse amor que não realiza (quase) nada nele sem o seu assentimento deliberado. É por uma inserção em Cristo que nos dá uma graça que não é barata (como disse Jacob de Sarugh).



Acompanhados pelo
Padre João Rego
Carmelita Descalço

Peregrinação aos Lugares de Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz

19 a 22 de Setembro
de 2024

Inscrições até 15 de julho de 2024 - Lugares Limitados

Contactos para inscrições | Maria do Rosário Borges de Castro | Telm. 917 118 041 | E-mail : rosarinhobcastro@gmail.com
GLOBALIS | TLF. 213 502 209 | E-mail: nadia.silva@globalisviagens.com

Condições Particulares da Viagem

Preço por Pessoa em Quarto Duplo ou de Casal

Mínimo de 40 participantes inscritos | 450 €
Mínimo de 35 participantes inscritos | 475 €
Mínimo de 30 participantes inscritos | 505 €
Mínimo de 25 participantes inscritos | 540 €
Suplemento para Quarto Individual | 40 €

Sinalização e Pagamento

Até 15 de julho - sinalização de 300€ (trezentos euros)
Até 15 de agosto - pagamento final (restante valor, de acordo com o número mínimo de participantes e o quarto escolhido)

Inscrição

Preencher o Boletim de Inscrição e entregar cópia (digitalizar) do cartão de cidadão, válido nas datas da viagem.

CONDIÇÕES DE CANCELAMENTO

Até 61 dias antes da partida - Sem custos
De 60 a 46 dias antes da partida - 20% do custo total
De 45 a 31 dias antes da partida - 40% do custo total
De 30 dias até à data da partida - 100% do custo total

Salvaguarda-se as condições cobertas na apólice do seguro de viagem.

A menos de 60 dias da viagem, não atingindo o mínimo de participantes, reserva-se à agência o direito de cancelamento.

Serviços Incluídos

- Circuito em autocarro de turismo com ar condicionado;
- Alojamento :
 - 1 noite em Salamanca em hotel de 4*;
 - 1 noite no Cites (Centro Internacional Teresiano - Sanjuanista) em Ávila;
 - 1 noite no Centro de Espiritualidade San Juan de La Cruz em Segóvia;
- Refeições de acordo com o itinerário em anexo (menu fixo - pensão completa);
- Entradas pagas;
 - Catedral e Convento de Santo Estêvão em Salamanca
 - Museu Carmelitano em Alba de Tormes
 - Mosteiro da Encarnação, Convento de São José e Museu do Convento de Santa Teresa em Ávila
- Seguro de assistência em viagem Bus Classic Plus, com cobertura de cancelamento e interrupção da viagem, cancelamento por circunstâncias inevitáveis e excepcionais (as condições da apólice do seguro de viagem, devem ser do conhecimento dos participantes) - consultar no site <https://globalisviagens.pt/>
- Taxas hoteleiras, serviços e IVA;
- Mochila Globalis.

Serviços não Incluídos

- Qualquer serviço não mencionado nos serviços incluídos, bebidas às refeições, refeições especiais e não mencionadas, extras de carácter pessoal, bagageiros, gratificação ao motorista e o que não esteja indicado no presente programa de viagem.

Oração de José, pai de Jesus

Frei João Costa, OCD



1. Quem pense que a vida toda de José foi dar com o mascoto e a tamborilar salmos talvez acerte. Mas só em parte, pois foi muito mais que isso – José foi o esposo da Mãe de Deus e o pai do próprio Deus. Aqui, ao substantivo *pai*, devemos apor (pelo menos) um adjetivo: legal, nutrício, putativo, adoptivo, tutor, dispensador... e muitos, muitos outros mais. Que possamos qualificar a São José com muitos títulos significa tão-só a nossa dificuldade em defini-lo, jamais em nomear a sua dificuldade de saber e aceitar qual fora o seu papel na casa de Nazaré, no mundo e no decurso da fé.

Há um santo que põe as coisas assim: imagine que você tem um horto todo fechado em volta. Ninguém ali entra, ninguém dali sai. Um dia uma pomba sobrevoa-o, levando no bico uma tâmara. A certa altura abre o bico e liberta a tâmara, ela cai no horto e dela brota uma palmeira. Pergunta o santo: quem será o dono da palmeira que, inesperada, no horto brota? Ninguém duvida que ela é do dono do horto. Ora, concluiu o santo, o horto é a Virgem Maria, que pela via das leis do matrimónio pertence a José; e é assim que o fruto da palmeira, Jesus, a José pertence.

José é pai de Jesus. Pai virginal, mas pai.

A este operário humilde foi confiado o jardim mais excelso, a mais bela palmeira, o mais belo fruto!

José é, pois, pai, e enquanto pai é mestre e guia. Também de oração. Ele, o humilde carpinteiro de Nazaré – e talvez não fosse tanto como um carpinteiro, mas apenas um artesão, um *mãozinhas*, como em certas terras se nomeiam os *faz-tudo*, porque de tudo um pouco José sabia fazer e fazia – até é mestre de oração, sim.

2. Como sabido é, José é de Belém. Foi na casa de seu pai Jacob que aprendeu a rezar. Ali aprendeu a peregrinar também, pontualmente, ao templo de Jerusalém, três vezes no ano: nas festas da Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos. Ali aprendeu a abençoar as pessoas, a família e os filhos; a abençoar o trabalho, os frutos e os alimentos, os caminhos, os campos e os animais. As alvoradas e a primeira estrela da noite. E jamais cruzava o umbral da casa paterna, e mais tarde a sua, a de Nazaré, sem rezar a *berakot*, uma das sete bênçãos fundamentais de todos o judeu: *Baruk ata Adonai, melek ha olam* (Bendito és tu, ó Deus, rei do universo).

Para que não se diga que escrevendo-se a biografia orante do Santo Patriarca nos olvidamos de algo aqui alinhavar, digo, pois, em resumo, que São José foi um delicado mestre de oração, simples, humilde, confiante, segundo os rituais da tradição judaica a que pertencia. Por exemplo, e para que conste, tendo-lhe nascido o filho, ele O circuncidou. De facto, oito dias depois do nascimento, correspondia-lhe – e não a um sacerdote como a arte nos faz crer – a honra de imprimir no corpo do menino o sinal de pertença ao Povo de Deus. E ao proceder à incisão, o patriarca rezou: *«Bendito seja Jahvé, o Senhor, que santificou o seu bem-amado desde o seio de sua mãe e na sua carne gravou a Lei. Ele marca os seus filhos com o sinal da Aliança para lhes transmitir as bênçãos de Abraão, nosso pai»*. Ao que os assistentes contestaram, dizendo: *«Feliz daquele que Tu escolhes e atraís para viver nos teus átrios»* (Salmo 65:5).

3. Sim, José rezou toda a vida e a vida toda. (Perdoar-me-ão se o houver de repetir; ou se aqui o deixar mal aponhado...) Sim, rezou, e rezou como mestre.

E o que se espera de um mestre é que saiba ensinar. Nos saiba ensinar. E por aí estaremos bem, creio eu, pois se ele ensinou a Deus...

Ora, se ninguém dá o que não tem, vamos ao que o *Mestre da oração* tem, e com o qual, profusamente, nos pode ensinar. Muito antes de ser o esposo da *escrava do Senhor*, já José era um justo – um santo de Deus. E apesar disso, varria a oficina, arrumava as ferramentas, esfregava os pratos na cozinha. E algumas vezes também mascotava os dedos. E saudava e ria com as crianças, e inclinava a cabeça perante os anciãos. Trabalhava laboriosamente. Frequentava a sinagoga segundo o preceito, lia a Torá e os Profetas, dava esmola, cuidava os necessitados, defendia os fracos e ajudava nos trabalhos a quem precisava.

E orava sempre. E não falava muito, claro. Como não falou no primeiro Natal. Como não falou, nem aos pastores nem aos magos. Nem respondeu a Simeão quando, aos quarenta dias, por ele foi saudado ao ir apresentar o filho ao templo, cumprindo o preceituado pela Lei, a fim de que elevando-O para o Altíssimo, O ofereça a Deus, pois era o seu primogénito. Não, não o fez como quem dedicava um filho, mas como quem oferecia a Hóstia Santa e Imaculada! E José orava sempre.

Na fuga para o Egipto, dormiu aqui e ali com um olho aberto e outro fechado: o fechado, para descansar; o aberto, para mirar e inteirar-se da cara da Virgem que dormia; e para aspirar a respiração do Menino, recostado contar o peito da mãe. E há quem diga que também isso é orar.

Aliás, José é um homem a quem a alma treme, só por ter de proteger a seu Deus bebé, e mais tremia por não saber por qual razão Deus a ele se submetia e o metia naqueles apuros, em vez de o guardar e o proteger a ele, José. E José rezava e rezava quando Deus, a diário, se lhe submetia, e submetendo-se-Lhe, lhe trazia umas ripas, ou lhe varria e acomodava a oficina a seu mando! Que mistério! Que oração!

4. José rezava sempre, e não, não era macambúzio, mas alegre. E bom cantor – um dia alguém lhe disse: és um grande artesão, mas poderias ter sido um excelente cantor e dançarino! Ambos sabiam que sim. Claro que o seu dia a dia era trabalhar – pudera! Mas, se na oficina, cantarolava mais a gosto, era tão-só porque Maria, ali ao lado, era toda a sua alegria, toda a sua graça e, cantando, qual rouxinol enamorado, ela lhe devolvia toda a santa alegria de volta! Ambos trabalhavam, e trabalhando cantavam, e depois, rezavam, que uma coisa era verdade: para José o trabalho era um a canção e uma oração!

Naquele tempo, os meninos tinham uma idade para estarem sujeitos à mãe e outra ao pai. E em ambas se

sujeitavam aos dois. Fácil é de perceber. Se à nascença eles dependiam quasi só da mãe; depois passavam para a jurisdição do pai. Finalmente, ganhavam autonomia. Como não compreender que o menino se faria homem imitando o pai? E a menina a mãe? Claro que Jesus aprendeu a ser homem com José. A trabalhar como José. A serrar como José. A negociar como José. A cantar como José. A rezar como José. A mirar como José. A calar como José. A ser varonil, como José! Sim, o modelo de masculinidade de Jesus foi José. Desse homem laborioso e afectuoso aprendeu Jesus o trabalho e a oração. Se o trabalho não tinha segredos para José, a oração também não. E um e outra, Jesus os aprendeu de José. Como não... E se foi fiel na sinagoga, como fiel foi em Jerusalém, também na intimidade da casa de Nazaré, segundo a tradição judaica, Jesus rezou e dirigiu as orações familiares, tanto pela manhã, como ao meio dia e à noite, como nas principais celebrações litúrgicas. Ah, e como não, também na oficina, ao lado de José, aprendeu ele a alternar trabalho e oração. (E até suspeito e antecipo em José uma certa ânsia: a de que o Menino alcançasse rapidamente a idade adulta, para com ele rezar os Salmos de David...)

Sim, sim, desculpai se repiso: trabalhando e caminhando lado a lado com José, Jesus aprendeu rezar e a ir à sinagoga, isto é, a participar na oração comunitária e, permanecendo ao lado de José e, sentado a seu lado, aprendeu a escutar silenciosamente a leitura da Torá. Ah, e ousaria ele privar José do gosto de, juntos, recitarem os salmos, diariamente, interpoladamente, como monges, na oficina? A delicadeza, a terna firme e humildade, a simplicidade e hombridade de Jesus são, obviamente as de José. Foi com ele que Jesus aprendeu. E se assim era o filho, como não seria o pai! Também na oração.

5. No lento discorrer das horas do dia, José contemplou, saboreou, deliciou-se e amou o Filho de Deus, – o seu filho, entenda-se... – entretido com as fitas do chão da sua oficina, e depois, chegando-lhe, diligente, o martelo e a pua, e por fim, aprendendo e auxiliando-o, e por último, assumindo a direcção do trabalho.

Ah, e como não – e lá vamos nós outra vez ao enlevo de José – por quantos momentos, não parou ele os trabalhos, ou para se entreter mirando o filho a brincar, ou para, simplesmente, lhe contemplar os caracóis do cabelo? Ou, tendo sido ali deixado por Maria, na alcofa, para escutar a música do seu sono?...

Nos gozos e nas durezas do trabalho, José foi pai e varão laborioso e mestre de oração e da vida interior. Aprendeu a ser mestre só de olhar para Jesus, só de olhar por Jesus, na doce e silenciosa responsabilidade de ser seu pai.

E celebrava jubilosamente o Natal de Jesus, e o aniversário da Virgem. E da oficina trazia e oferecia-lhes presentes – certa vez, a Maria, ofereceu-lhe uma arca de madeira,

”

José é um homem a quem a alma treme, só por ter de proteger a seu Deus bebé...

e ao entregar-lha, disse-lhe: *Ave Maria, cheia de graça, o Senhor está contigo...* Surpreendida, ela olhou a grande e bela arca, e brincando, saltaricou-lhe para dentro com o Menino ao colo, mas logo pediu para sair porque aquele túmulo de madeira pressagiava-lhe algo.

6. Um dia, ao levantar-se da cama, José trazia má cara. Não era nada, garantia, apesar das dores. Mas a mulher pôs-lhe a mão na testa e ela ardia de febre. Estava doente; e aquela seria a última vez que se sentaria com eles à mesa. Jesus impediu-o de ir para a oficina, e ele nem forças teve para obstar. Pesado, deitou-se, de novo, na enxerga. E oficialmente passou a haver um doente em casa. Não tinha apetite, tinha dores. E vieram as amigas de Maria, e trouxeram-lhe mezinhas e plantas medicinais, mas até bebericar um chá lhe custava. E Jesus, o filho do carpinteiro, o orante que aprendera de seu pai, lá ia *rezando, e com o maço dando*, e trabalhando com a serra e o martelo, o mais baixinho que podia, para não incomodar o mestre. Por fim, Maria também perdeu o apetite. À cabeceira de José, as noites passaram a ser muito longas e muito mal dormidas. E os dias como as noites. E rezava. E rezava. E rezava. E enquanto Jesus trabalhava, Maria rezava. E enquanto José sofria, Maria rezava para que Jesus, o Filho de Deus, fizesse uma porta que fechasse e deixasse a morte do lado de fora da casa – mas que se fizesse sempre e em tudo, a vontade do Altíssimo, sempre, sempre, concluía-lhe ela. E entrementes, baixinho, José e Maria, mais ela que ele, falavam do primeiro Natal. Do *Glória* cantado pelos anjos, do burro e da vaca, da visita dos pastores e dos magos. De...

E, contemplando os dois, Jesus ouvia em silêncio. Rezava em silêncio.

Então, a certo momento, Maria viu que Deus se ergueu, se aproximou do leito do enfermo, pôs as mãos sobre a cabeça de José. E abençoou-o. Quando as retirou José tinha expirado, e Maria era a viúva do melhor esposo que o mundo jamais vira.

7. Quem isto ler haverá de me desculpar por em nenhum lugar ter abordado José como homem do silêncio – e como o silêncio é necessário na oração! Não tem desculpa, eu sei. Mas também não foi ignorância minha, nem desleixo. Nem contumácia. Nem falha de espaço. Foi sim, deci-

são, para que as últimas linhas fossem mesmo sobre o assunto.

A verdade, é que mirando José como mestre de oração – como Santa Teresa de Jesus e outros o apostrofam – o que menos importa é o seu mutismo feito ausência de palavras. Não. Por si só, manter a boca fechada não é sinal nem de virtude nem de oração, porque o que São José nos ensina é bem outra coisa: é o valor do silêncio de quem está perante o mistério!

A José coube o que a mais nenhum homem tocou – ver-se ante o mistério de Deus, indigente e feito carne, feito bebé, feito menino! O mistério de uma Virgem que engravidou sem concorrência de varão! E, concomitantemente, como no seio pequenino da Virgem coube O que os céus não souberam nem puderam encerrar!

Perante o mistério, José calou-se e contemplou. É o homem do silêncio. O patrono dos contemplativos.

Sim, calou-se ao ver que Deus escolhia um homem – ele mesmo, José de Belém – para guarda do mistério de Deus, para protector dos protagonistas principais do mistério: o Filho e a Mãe! E lá restava ele, sem saber como aceitar que as suas mãos rijas, laboriosas e suadas tinham sido eleitas para defender o mistério da Encarnação.

Havendo imensos palácios e vilas formosíssimas por tantos recantos e metrópoles do Império, como fora Deus escolher a casucha de um artesão da Galileia, numa aldeia esquecida, para ali o Seu Filho crescer e fazer-se homem? Não reparara Deus que a casucha nem portas tinha, senão uma cortina remendada, debotada e envelhecida?

Ao ver-se espectador e actor de tal mistério, o maior desde a criação, e até bem maior que este, e mais ainda, ao ver-se nele implicado como personagem fundamental, José ficava em silêncio por não compreender o actuar de Deus. E rezava. E contemplava. E aceitava. E rezava.

Sim, é certo que quase não falei do silêncio de José. E a razão foi esta: que haveria José de dizer, de dizer-nos, se também ele estava envolto na nuvem do mistério? – Qualquer palavra que dissesse tolice seria.

Quem contempla o mistério não fala, e se fala não sabe o que diz... E José não falou, só contemplou, calou e viveu o mistério da Encarnação no seu interior.

8. Calou. E ensinou como um mestre.

II CONGRESO INTERNACIONAL SANTA TERESA de LISIEUX

MI **V**OCACIÓN
ES EL **A**MOR

MANUSCRITOS B y C DE LA HISTORIA DE UN ALMA
TERESA DEL NIÑO JESÚS Y DE LA SANTA FAZ

2 - 7 septiembre 2024

